

AS FONTES DE DUARTE PACHECO PEREIRA  
NO "ESMERALDO DE SITU ORBIS".  
(VIII).

---

*POST-SCRIPTUM: Luís Mendonça de Albuquerque, "Os Guias Náuticos de Munique e Évora", Duarte Pacheco Pereira, o "Esmeraldo de situ orbis", e o "Tratado da Esfera" de Sacrobosco.*

**JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO**

Professor de História da Civilização Ibérica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Em esmerada edição da Junta de Investigações do Ultramar (Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga-Secção de Coimbra), foi publicado, em 1965, em Lisboa, um livro, de Luís Mendonça de Albuquerque, intitulado *Os Guias Náuticos de Munique e Évora*.

Apesar de termos redigido para o nº 64 da *Revista de História*, de outubro-dezembro de 1965, as páginas referentes ao *Tratado da Esfera* de Sacrobosco como fonte de Duarte Pacheco Pereira no *Esmeraldo de situ orbis*, só há pouco tivemos conhecimento da excelente obra do matemático-historiador, ou do historiador-matemático, que é Luís Mendonça de Albuquerque. Como que a provar-nos que Lisboa está muito longe de São Paulo...

Contém este livro de 290 páginas em grande formato, uma *Introduction by Armando Cortesão* (218), um *Estudo Crítico* (219), o *Texto do Guia de Munique, seguido das variantes e capítulos novos publicados no Guia de Évora* (220), *Anexos* (221), e finalmente uma *Bibliografia* (222) e um *Índice Onomástico* (223).

---

(218). — págs. 1-6.

(219). — págs. 7-125.

(220). — págs. 127-222.

(221). — págs. 223-279.

(222). — págs. 281-284.

(223). — págs. 285-290.

No *Estudo Crítico*, Luís Mendonça de Albuquerque ocupa-se d'*As duas versões do Guia Náutico* (224), dá-nos uma *Breve história das regras da astronomia náutica* (225), uma dúzia de páginas sôbre *A tradução do "Tratado da Esfera"* (226) e, para terminar o *Estudo Crítico*, ainda cêrca de trinta páginas de *Observações finais* (227).

Na segunda parte do livro dá-nos, como já dissemos, o *Texto do Guia de Munique, seguido das variantes e capitulos novos publicados no Guia de Évora*, em que vemos o *Regimento do Astrolábio e do Quadrante para saber a declinação e o lugar do sol em cada um dia e assim para saber a estrela do norte* (228), o *Tratado da Esfera do Mundo, tirada do latim em linguagem, com a carta que um grande doutor alemão mandou ao rei de Portugal, D. João el segundo* (229), e finalmente os *Textos com variantes ou totalmente novos do Guia de Évora* (230).

Por fim, nos *Anexos*, vemos a *Crítica de Pedro Nunes ao "Regimento da Estrela do Norte"* (231), O *"Tratado da Esfera" de João de Sacrobosco e a sua influência na literatura náutica peninsular* (232), o *Texto latino do "Tratado da Esfera" de João de Sacrobosco, Biblioteca Nacional de Lisboa, Códice Alcobacense, CCCLXXXIII-285* (233), e finalmente o *Texto do Guia de Wolfenbüttel* (234).

No segundo anexo citado, O *"Tratado da Esfera" de João de Sacrobosco e a sua influência na literatura náutica peninsular*, vemos uma comparação do texto de Munique ou do texto estabelecido por Thorndike na sua edição, com os textos da *Suma de Geografia* de Enciso, do *Tratado del Sphera y del Arte de Navegar* de Francisco Faleiro, do *Tratado da Esfera, Da Geografia* de D. João de Castro, da *Astronomici introductorii de spaera epitome* de Pedro Nunes, da *Sphaerae utriusque tabella, ad sphaerae huius mundi enucleationem* de André de Avelar.

Não é nossa intenção dar neste *Post-Scriptum* uma resenha crítica do livro de Luís Mendonça de Albuquerque. Não temos esta intenção, nem a podemos ter, pois seríamos incompetentes para a fazer no seu todo. Essa resenha crítica seria sempre incompleta, pois falta-nos a preparação de base para tanto. Luís Mendonça de Albu-

- 
- (224) . — págs. 7-21.  
(225) . — págs. 21-82.  
(226) . — págs. 83-95.  
(227) . — págs. 96-125.  
(228) . — págs. 129-151.  
(229) . — págs. 152-188.  
(230) . — págs. 189-222.  
(231) . — págs. 225-228.  
(232) . — págs. 229-234.  
(233) . — págs. 235-250.  
(234) . — págs. 251-279.

querque é hoje, com Avelino Teixeira da Mota e poucos mais, como que o continuador de tôda uma plêiade de homens de ciência cuja formação de base não foram as ciências históricas, nem mesmo qualquer outro ramo das ciências sociais, ou das ciências humanas, mas aos quais muito deve a historiografia portugueza. Lembramos, ao acaso da nossa memória, os exemplos de Fontoura da Costa, Gago Coutinho, Antônio Sergio, que foram Oficiais da Marinha Portugueza, tal como o é hoje Avelino Teixeira da Mota. Lembramos os exemplos de Luciano Pereira da Silva, Duarte Leite, que foram Professôres de Matemática, tal como o é hoje Luís Mendonça de Albuquerque (235).

Luís Mendonça de Albuquerque dá-nos mais um livro em que uma vez mais se revela um muito digno sucessor de Luciano Pereira da Silva.

Neste *Post-Scriptum* vamos fazer incidir a nossa análise apenas sôbre algumas páginas dêste excelente livro. Apenas aquelas que interessam a êste estudo sôbre *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no "Esmeraldo de situ orbis"*. Trata-se de assunto já por nós abordado em páginas anteriores — Sacrobosco como fonte do *Esmeraldo* —, e onde já discordamos de Luís Mendonça de Albuquerque, em publicações a esta anteriores. Entretanto, a nossa discordância tem-se atenuado de publicação para publicação em que Luís Mendonça de Albuquerque aborda êste assunto. Não desapareceu, no entanto, ainda completamente. Nem mesmo com êste último livro.

Não tenhamos receio de nos repetirmos, se as repetições fizerem ganhar clareza à nossa exposição.

Como já dissémos (236), Luís Mendonça de Albuquerque em trabalho publicado em 1959 (237), muito provavelmente enganado pelo índice onomástico da edição do *Esmeraldo* de Epiphânio da Silva Dias (238) em que Sacrobosco não aparece na letra *S* mas na

- 
- (235). — Os casos mencionados, de Oficiais de Marinha e Matemáticos, não esgotam o assunto em Portugal. Podemos lembrar, para nos reportarmos apenas ao nosso século, o diplomata Veiga Simões, o médico Jaime Cortesão, Armando Cortesão... Nomes de tal monta que seria até o caso de nos sentirmos complexados por sermos licenciados ou doutores em História, não fôra a existência de um Vitorino Magalhães Godinho, um Joel Serrão, um Oliveira Marques, e alguns mais....
- (236). — Ver as páginas, neste nosso estudo, sôbre Sacrobosco como fonte do *Esmeraldo*.
- (237). — *Sôbre um manuscrito quatrocentista do "Tratado da Esfera" de Sacrobosco*, in *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*, Volume XXVIII, Coimbra, 1959, pág. 13.
- (238). — *"Esmeraldo de situ orbis" de Duarte Pacheco Pereira — Edição crítica anotada por Augusto Epiphânio da Silva Dias*, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1903-1904. Esta mesma edição foi publicada em Volume em 1905.

letra *J* (*João*), foi levado a afirmar que no *Esmeraldo* não se encontra o mínimo indício de uma leitura, mesmo superficial, de Sacrobosco.

Em estudo publicado em 1960 (239), retomando este mesmo assunto, Luís Mendonça de Albuquerque afirma que Duarte Pacheco cita Sacrobosco uma só vez, e à parte esta citação ocasional, não se encontra no *Esmeraldo* nenhum outro passo que possa deixar supor que Pacheco leu o *Tratado da Esfera*.

Era êste o estado da questão para Luís Mendonça de Albuquerque até à mais recente publicação do seu livro sôbre *Os Guias Náuticos de Munique e Évora*.

Neste seu último livro, Luís Mendonça de Albuquerque ocupa-se em três páginas (240), a propósito do estabelecimento de uma data para o exemplar conhecido do *Guia Náutico de Munique* (241), das relações entre o *Tratado da Esfera* de Sacrobosco, e da sua edição em língua portuguesa no citado *Guia*, com o *Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco Pereira.

Luís Mendonça de Albuquerque começa por nos dizer que

“... um estudo atento do *Esmeraldo* mostra-nos que Pacheco, além de citar uma vez o *Tratado da Esfera* de Sacrobosco, tinha lido a carta de Monetário na tradução de Álvaro da Tôrre, pois transcreve rigorosamente para o seu livro uma das suas frases. E assim se poderia dar precipitadamente como estabelecido que um exemplar do *Guia Náutico de Munique*, manuscrito ou impresso, teria estado em poder do navegador” (242).

Na verdade, Duarte Pacheco Pereira teve ineludivelmente conhecimento da carta de Monetário, e já na sua tradução portuguesa da autoria de Mestre Álvaro da Tôrre. A prova irrecusável desta afirmação obtêmo-la se compararmos determinado passo do Prólogo do Livro I do *Esmeraldo* com passo muito semelhante da carta de Monetário na versão portuguesa de Álvaro da Tôrre.

Lemos no texto do *Esmeraldo*, manuscrito de Évora (243):

“... e elle foy o primeiro digo o principio e causa que os ethiopios qsy bestas en semelhança humana halienados do culto

---

(239) . — *O primeiro guia náutico português e o problema das latitudes na marinha dos séculos XV e XVI*, in *Revista da Universidade de Coimbra*, Volume XIX, Coimbra, 1960, págs. 13-14 da Separata.

(240) . — págs. 18, 19, 20.

(241) . — *Regimento do Estrolábio e do Quadrante-Tratado da Spera do Mundo*, Munich, 1914 (Edição de Joaquim Bensaúde).

(242) . — pág. 18.

(243) . — fol. 2.

diuino dispam muita parte delles ha santa fé catolica e Religiam cristã cada dia som trazidos..." (244).

Lemos na carta de Monetário, versão portugüesa de Álvaro da Torre, edição dos *Guias Náuticos* de Luís Mendonça de Albuquerque:

"... e não é dúvida que em breve tempo os de Etiópia, quase bestas em semelhança humana, alienados do culto divino, dispam por tua indústria sua bestialidade e venham a guardar a religião católica" (245).

O texto da carta de Monetário levou-nos a completar o texto de Duarte Pacheco que aparece nos manuscritos conhecidos, e assim darmos uma versão certamente bem mais próxima daquela que deve ter sido a do manuscrito autógrafa:

"... e êle foi o principio e causa que os Etiópios, quase bestas em semelhança humana, alienados do culto divino, dispam [per tua indústria sua bestialidade, e] muita parte deles à santa fé católica e religião cristã cada dia são trazidos..." (246).

Luís Mendonça de Albuquerque não se esquece, no seu livro (247), de confrontar os dois passos — o do *Esmeraldo* e o da carta de Monetário —, dando-nos o passo do *Esmeraldo* pela edição da *Academia Portugüesa da História* (248):

"... e êle foi o principio e causa que os Etiópios, quase bestas em semelhança humana, alienados do culto divino, dès então muita parte deles à santa fé católica e religião cristã são trazidos..."

Ora o texto da edição da *Academia Portugüesa da História* não passa da reprodução do texto da edição de Epiphanyo da Silva Dias com a ortografia modernizada (249). Duas variantes nos surgem, entretanto, no passo que aqui nos interessa. Onde lemos, na edição da

---

(244). — A versão do manuscrito de Lisboa é a mesma, apenas com a compreensível supressão das palavras o primeiro digo, erro, logo corrigido, do copista do manuscrito de Évora. Citamos a versão do manuscrito de Évora porque o manuscrito de Lisboa não é mais do que uma cópia dêste. Ver demonstração na nossa edição: "*Esmeraldo de situ orbis*" de Duarte Pacheco Pereira (*Édition critique et commentés*), no prelo.

(245). — pág. 186.

(246). — Ver o texto crítico da nossa edição do *Esmeraldo* acima citada.

(247). — pág. 20.

(248). — Academia Portugüesa da História: "*Esmeraldo de situ orbis*" por Duarte Pacheco Pereira, 3a. edição, Introdução e Anotações Históricas pelo Acadêmico de Número Damião Peres, Lisboa, 1954, pág. 11.

(249). — Ver a demonstração desta afirmação nos nossos trabalhos: *As Edições e as Traduções do "Esmeraldo de situ orbis"*, in *Revista de História*, nº 59, São Paulo, julho-setembro de 1964; "*Esmeraldo de situ orbis*" de Duarte Pacheco Pereira (*Édition critique et commentée*), no prelo.

*Academia, dès então*, lemos na edição de Epiphânio, *desentam*, o que não representa, da parte do autor da edição da *Academia*, mais do que uma modernização. A segunda variante está ligada à omissão no texto da edição da *Academia* das palavras *cada dia*. O autor da edição da *Academia* copia tão fielmente o texto da edição de Epiphânio que reproduz normalmente os saltos de palavras dêste, mas desta vez saltou palavras que se podem ver no texto do próprio Epiphânio.

Epiphânio, ignorando a fonte de Pacheco neste passo, tentou uma correção dos manuscritos de maneira a torná-los inteligíveis, e assim foi levado a substituir a palavra *dispam*, por *desentam*, ou *dês então* na versão modernizada da *Academia*.

Raphael Eduardo de Azevedo Basto, autor da primeira edição da obra de Duarte Pacheco (250), foi fiel aos manuscritos, conservando portanto a palavra *dispam*, se bem que o texto por êsse fato tivesse ficado ininteligível.

Para terminar êste ponto do nosso confrônto com as páginas de Luís Mendonça de Albuquerque, podemos ainda acrescentar que depois de termos chegado a esta determinação e demonstração da leitura que Duarte Pacheco havia feito da carta de Jerônimo Munzer a D. João II na versão portugûesa de Álvaro da Tôrre, verificámos que Duarte Leite já a ela antes tinha chegado (251).

\*

Voltando ao texto do livro de Luis Mendonça de Albuquerque, na mesma página (252), e na continuação do passo atrás citado, lemos:

“Não se deve, porém, afastar a idéia de os dois textos terem chegado ao seu conhecimento por outra via, sendo a hipótese fortalecida pelo fato de subsistirem justificadas dúvidas quanto à influência do *Tratado da Esfera* no *Esmeraldo*. A citação de Sacrobosco ocorre, como se disse, uma única vez, e a respeito de uma afirmação pouco significativa, visto que foi comum a muitos outros autores até final da Idade Média, tendo alguns dêles invocado tam-

(250). — “*Esmeraldo de situ orbis*” de Duarte Pacheco Pereira — Edição comemorativa da descoberta da América por Cristovão Colombo no seu quarto centenário sob a direção de Raphael Eduardo de Azevedo Basto, Lisboa, 1892.

(251). — Duarte Leite: *História dos Descobrimientos*, Coletânea de esparsos, organização, notas e estudo final de Vitorino Magalhães Godinho, Volume I, Lisboa, 1959, pág. 105. Ver ainda no Volume II desta mesma obra o estudo de Vitorino Magalhães Godinho: *Duarte Leite e a evolução dos estudos em história dos descobrimientos*, pág. 558.

(252). — pág. 18.

bém a mesma autoridade. O trecho de Duarte Pacheco é como segue: *Pompônio Mela, no princípio do seu segundo livro e assim no meio do terceiro “de Situ Orbis”, e Mestre João de Sacrobosco, inglês, excelente autor na arte de astronomia, no fim do terceiro capítulo do seu “Tratado da Esfera”, cada um destes em seu lugar, ambos disseram que as partes da equinocial eram inabitáveis, pela muito grande quentura do sol.* — Notemos que há um lapso quanto ao lugar apontado na citação, pois o passo que ali interessa vem no final do capítulo segundo, e não no terceiro, da obra de Sacrobosco, fato que, por si só, é pouco significativo, visto o *Esmeraldo* ter chegado até nós em cópias apógrafas, e o erro envolver simplesmente a troca de dois números”.

Vejamos êste passo do livro de Luís Mendonça de Albuquerque.

Em primeiro lugar, *os dois textos* de que nos fala Luís Mendonça de Albuquerque são a carta de Jerônimo Munzer a D. João II, na versão portuguesa de Álvaro da Tôrre, e o *Tratado da Esfera* na versão portuguesa do *Guia Náutico de Munique*.

Em segundo lugar, Luís Mendonça de Albuquerque afirma *subsistirem justificadas dúvidas quanto à influência do “Tratado da Esfera” no “Esmeraldo”*. E acrescenta: *A citação de Sacrobosco ocorre, . . . , uma única vez, e a respeito de uma afirmação pouco significativa . . .* Deixemos êste passo para uma análise de conjunto com dois outros passos semelhantes do livro de Luís Mendonça de Albuquerque.

Vejamos as últimas linhas, aquelas em que se menciona o lapso do texto de Duarte Pacheco.

Pacheco cita o passo do *Tratado da Esfera* como se êle fizesse parte do final do capítulo terceiro, quando êle faz parte, não do final do capítulo terceiro, mas sim do final do capítulo segundo. Para Luís Mendonça de Albuquerque êste lapso deve-se, muito provavelmente, ao fato do “*Esmeraldo*” *ter chegado até nós em cópias apógrafas, e o erro envolver simplesmente a troca de dois números*. Isto é, para Luís Mendonça de Albuquerque o erro de citação explicar-se-ia por uma falha do copista, ou dos copistas, do século XVIII.

Para nós o erro de citação pode provir do próprio autor do texto do *Esmeraldo*, Duarte Pacheco Pereira.

Vejamos tudo o que a êste assunto diz respeito, retomando o que escrevemos atrás, quando nos ocupámos do *Tratado da Esfera* de Sacrobosco como fonte de Duarte Pacheco no *Esmeraldo*.

Nas edições latinas do *Tratado da Esfera* (253), no final do Terceiro Capítulo, tal como Pacheco cita, lemos:

(253). — Ver as edições latinas por nós utilizadas, nas páginas referentes ao *Tratado da Esfera* de Sacrobosco como fonte de Duarte Pacheco no *Esmeraldo*.

“... illius propinque equinoctiali inhabitabiles sunt propter nimium calorem. Similiter partes eius propinque polo arctico inhabitabiles sunt propter nimiam frigiditatem”.

Nestas mesmas edições latinas, vemos passo semelhante, e até talvez mais próximo das palavras de Duarte Pacheco, no final do Capítulo Segundo:

“Illa igit çona que est inter duos tropicos dicit inhabitabilis propter calorem solis discurrentis semper inter tropicos”.

Poderemos admitir um êrro de citação da parte de Duarte Pacheco que afinal não é o único através da sua obra. Neste mesmo passo do *Esmeraldo* êle incorre em êrro semelhante na citação que faz do *De Situ Orbis* de Pompônio Mela, como vimos quando nos ocupamos desta obra como fonte do *Esmeraldo*. Também, como já mostramos neste estudo, Duarte Pacheco incorre em êrro do mesmo gênero na única citação que faz da obra de Vicente de Beauvais, quando confunde o *C* que indica *Capítulo*, com o *C* que significa *cem* em números romanos. E pensamos que o êrro de citação no texto de Pompônio Mela pode talvez explicar-se se soubermos: 1). — que Pacheco leu o *De Situ Orbis* pela tradução espanhola de Mestre João Faras, como já demonstramos neste estudo; 2). — que no texto manuscrito da tradução de Mestre João Faras não existe a separação em *Livros*, não sendo mesmo os Capítulos numerados, e até só havendo títulos nos primeiros Capítulos do Livro I. Ora, coisa semelhante parece-nos poder ter ocorrido com a citação do *Tratado da Esfera*, se admitirmos ter-se Duarte Pacheco servido da tradução portuguesa inserta no chamado *Regimento de Munique*. No exemplar que dêste conhecemos, a indicação dos Capítulos não é muito clara, pois o texto muito cerrado e sem espaços brancos não facilita uma distinção rápida e segura. E se atentarmos nesta tradução portuguesa do texto de Sacrobosco, chegaremos ainda mais nitidamente à conclusão que Duarte Pacheco se deve referir ao final do Segundo Capítulo, e não ao final do Terceiro. Vejamos os dois passos em questão.

No final do Terceiro Capítulo, lemos na tradução portuguesa:

“... pois a parte equinocial não é morada, por muita quentura, e a parte propínqua ao pólo não é morada, por muito frio”  
(254).

No final do Segundo Capítulo, lemos:

---

(254). — Neste *Post-Scriptum* citamos o *Tratado da Esfera* de Sacrobosco pela edição de Luís Mendonça de Albuquerque nos *Guias Náuticos de Munique e Évora*. Vemos o passo citado na pág. 180.

“A plaga do meio, sujeita à tórrida zona entre os dois trópicos, se diz não morada, por a grande quentura do Sol...” (255).

Embora o assunto não difira de um passo para outro, a verdade é que este segundo passo parece-nos mais próximo das palavras de Pacheco. A expressão *grande quentura do sol* é comum a ambos os passos, o de Pacheco no *Esmeraldo*, e o de Sacrobosco na versão portuguesa do *Tratado da Esfera*.

\*

Ainda relativamente a este mesmo ponto, Luís Mendonça de Albuquerque depois de nos dar um resumo das suas hesitações nos seus anteriores estudos que com este assunto se prendem, acaba concluindo:

“Se é certo que a palavra *inabitável* do *Esmeraldo* não corresponde ao *não morado* da tradução do tratado, não é menos verdade — . . . . — que a expressão *pela grande quentura do sol*, comum a Duarte Pacheco e à versão portuguesa de Sacrobosco, é uma coincidência que, pelo menos, suscita uma dúvida quanto à independência do primeiro texto relativamente ao segundo” (256).

Parece-nos que a dúvida de Luís Mendonça de Albuquerque poderá desaparecer se tomarmos em conta o seguinte: 1). — a expressão *grande quentura do sol* aparece no *Esmeraldo*, além de no passo em questão, ainda noutro passo do Livro Segundo, Capítulo 11 (257); 2). — os textos latinos do *Tratado da Esfera* de Sacrobosco dão, em vez de *grande quentura do sol*, a expressão *calorem solis*; 3). — o fato de Duarte Pacheco ter empregado a palavra *inabitáveis*, em vez da expressão *não morada*, da tradução portuguesa do exemplar de Munique, já tinha levado Luís Mendonça de Albuquerque (258) a concluir que Pacheco não se tinha servido da tradução portuguesa, mas certamente de um texto latino. Agora o emprego da palavra *inabitáveis* leva Luís Mendonça de Albuquerque à dúvida. Mas parece-nos que esta dúvida poderá desaparecer se

(255). — pág. 170.

(256). — pág. 19-20.

(257). — “As experiência nos faz viver sem engano das abusões e fábulas que alguns dos antigos cosmógrafos escreveram àcerca da descrição da terra e do mar, os quais disseram que tóda a terra que jaz debaixo do círculo da equinocial era inabitável pola *grande quentura do sol*, e isto achamos falso e pelo contrário...”. (Sublinhados nossos). Citação do texto crítico da nossa edição: “*Esmeraldo de situ orbis*” de Duarte Pacheco Pereira (*Édition critique et commentée*), no prelo.

(258). — O primeiro guia náutico português e o problema das latitudes na marinha dos séculos XV e XVI, in “*Revista da Universidade de Coimbra*”, Volume XIX, Coimbra, 1960, págs. 13-14 da Separata.

tomarmos em conta um pormenor que explica sobejamente o emprego da palavra *inabitáveis*. Lembremos que Duarte Pacheco cita neste mesmo passo, e a propósito do mesmo assunto, além de Sacrobosco, Plínio e Pompônio Mela. Ora no texto latino de Pompônio Mela vemos a palavra *inhabitabilem* (259), e no texto espanhol, em tradução de Mestre João Faras, da qual se serviu indiscutivelmente Duarte Pacheco, vemos a palavra *inhabitables* (260). Esta palavra foi Duarte Pacheco buscá-la a Pompônia Mela, tal como foi buscar à tradução portuguesa de Sacrobosco inserta no *Regimento de Munique*, ou no *Guia Náutico de Munique*, a expressão *grande quentura do sol*.

\*

Vejamos finalmente o mais importante ponto da nossa discordância com o autor d'*Os Guias Náuticos de Munique e Évora*.

Luís Mendonça de Albuquerque, em passo já citado, começa por afirmar

“... subsistirem justificadas dúvidas quanto à influência do *Tratado da Esfera no Esmeraldo*” (261).

Para, na continuação deste passo, acrescentar que

“A citação de Sacrobosco ocorre,....., uma única vez, e a respeito de uma afirmação pouco significativa...” (262).

Mas, das *justificadas dúvidas*, Luís Mendonça de Albuquerque passa às justificadas afirmações, em dois passos deste seu último livro:

“Para além desta citação ocasional, não encontramos na obra de Pacheco qualquer outro passo onde, direta ou indiretamente,

---

(259). — “In ea primos hominum accepimus ab oriente, Indos, Seres et Scythas. Seres media ferme eoaie partis incolunt, Indi et Scythae ultima: ambo latè patentes neque in hoc tantùm pelagus effusi. Spectant enim etiam merediem Indi, oramque Indici maris (nisi quoad aestus *inhabitabilem* efficiunt) diu continuis gentibus occupant. Spectant et septentrionem Scythae, ac littus Sythicum (nisi unde frigoribus arcentur) usque ad Caspium sinum possident” (Sublinhado nosso).

(260). — “E en ella los primeros de los onbres tomamos de oriente, Yndyos, y Seres, y Scitas. Los Seres cassi en medio de la parte orientall moran; los Jndios y los Scithas a llos cabos, anbos largamente manifestandosse ny tan solamente estan deramados a aqueste mar. Porque myran all medio dia los Jndios, y la orilla dell Indyo mar (sacando lo que los estios fazem *inhabitables*) luengo tienpo occupan estas gentes. Miran all sseptentrion los Scythas, y la ribera Scithica (si no donde por las frialdades se apartan) fasta ell golfão Caspio poseen” (Sublinhado nosso) (Cód. 50-V-19 da Biblioteca da Ajuda, fls. 3-3v.).

(261). — pág. 18.

(262). — *Ibidem*.

se possa suspeitar uma leitura do *Tratado da Esfera*. Esta verificação não deixa de ser surpreendente, pois Sacrobosco projetou a sua influência nos textos portugueses de cosmografia escritos no século XVI, não se esquivando a ela um D. João de Castro ou um Pedro Nunes; de resto, Duarte Pacheco teve oportunidade de citar o autor inglês em muitos outros pontos do seu livro” (263).

“... antes de 1516 ..., o nome de Sacrobosco só ocasionalmente aparece em duas obras portuguesas: é citado no *Livro de Montaria* de D. João I, mas sem que a citação garanta um contacto direto com a obra; e referenciado, como já vimos, no *Esmeraldo de situ orbis*, a propósito de uma só afirmação do tratado, que Duarte Pacheco Pereira critica, mas sem que nos restantes capítulos do livro se encontre, sequer de um modo implícito ou indireto, qualquer reflexo dos ensinamentos expostos nesse livro” (264).

Luís Mendonça de Albuquerque é, como vemos, bem claro e afirmativo:

“Para além desta citação ocasional, não encontramos na obra de Pacheco qualquer outro passo onde, direta ou indiretamente, se possa suspeitar uma leitura do *Tratado da Esfera*”.

O *Tratado da Esfera* de Sacrobosco é, segundo Luís Mendonça de Albuquerque,

“... referenciado, ..., no *Esmeraldo de situ orbis*, a propósito de uma só afirmação do tratado, que Duarte Pacheco Pereira critica, mas sem que nos restantes capítulos do livro se encontre, sequer de um modo implícito ou indireto, qualquer reflexo dos ensinamentos expostos nesse livro”.

Ora, bem ao contrário do que nos diz Luís Mendonça de Albuquerque, parece-nos que a influência do *Tratado da Esfera* de Sacrobosco é verificável numa dúzia de passos do *Esmeraldo*, embora só uma vez Duarte Pacheco Pereira mencione esta obra e o seu autor:

“Pompônio Mela, no princípio do seu segundo livro e assi no meio do terceiro *De Situ Orbis*, e Mestre João de Sacrobosco, Ingrês, excelente autor na arte da astronomia, no fim do terceiro capítulo de seu *Tratado da Esfera*, cada um destes em seu lugar, ambos disseram que as partes da equinocial eram inabitáveis pola muito grande quentura do sol;...” (265).

Já citamos atrás o passo do *Tratado* de Sacrobosco correspondente ao passo de Duarte Pacheco, e que é, com a carta de Jerônimo

---

(263) . — pág. 19.

(264) . — pág. 88.

(265) . — *Esmeraldo...*, Livro IV, Capítulo 1º.

Munzer a D. João II, a indicação bem provável, senão bem certa, de que o autor do *Esmeraldo* teve à sua disposição o texto português do *Guia Náutico de Munique*, embora em edição anterior à do exemplar conhecido.

Vejamos agora os passos do *Esmeraldo* em que o *Tratado de Sacrobosco* não é citado, mas que não deixam apesar disso de ter esta obra como sua fonte.

Lemos no Capítulo 1º do Livro I do *Esmeraldo*:

“E por tal modo é o assentó do orbe composto, que se algum homem podesse furar a terra e lançasse ua pedra da sua soprificie, cuidando que passaria do outro cabo, ela não iria senão até o centro, e ali estaria queda, porque ali é o mais baixo e o meio, e deste lugar pera qualquer parte seria subir, que é impossível e contra natureza nenhuma cousa pesada poder ir pera cima e mover-se do centro para a circunferência;...”.

Uma correspondência que nos parece perfeita com este passo do *Esmeraldo* podemos encontrá-la na seguintes palavras da tradução portuguesa da obra de Sacrobosco, inserta nos *Guias Náuticos*...:

“A Terra por seu grande peso está imóvel em meio do firmamento, por duas razões. A primeira é: que toda a coisa pesada em sumo grau, deseja o centro, e ali folga e cessa de se mover. E a segunda razão é: que toda a coisa que se move do centro à circunferência sobre a Terra, se se movesse subiria, o qual é impossível e contra a natureza da coisa pesada em sumo grau, como é a Terra” (266).

Agora dois passos que são bem demonstrativos de que Duarte Pacheco Pereira não conheceu diretamente Alfragano, tendo tido dêste conhecimento através do *Tratado de Sacrobosco*.

O primeiro, pode ver-se no Capítulo 33º do Livro I do *Esmeraldo*:

“... e por isso devemos notar o que diz Alfragano, que os Etiópios o seu inverno e verão são de ua mesma compleição;...”.

O segundo, vêmo-lo no Capítulo 2º do Livro II da obra de Duarte Pacheco:

“... e isto é o que diz Alfragano desta terra e moradores dela, que aos Etiópios o verão e o inverno ambos são de ua mesma compleição;...”.

---

(266). — Luis Mendonça de Albuquerque: *Os Guias Náuticos*..., pág. 161.

(267). — *Ibidem*, pág. 176.

Estes dois passos do *Esmeraldo*, que apenas diferem na inversão das palavras *inverno* e *verão*, provêm certamente do seguinte passo da tradução portuguêsã do *Tratado da Esfera*:

“Isto é o que diz Alfragano, que a estes o Inverno e o Estio são de uma mesma compleição;...” (267).

Outros passos da obra de Duarte Pacheco revelam a influência do *Tratado da Esfera* de Sacrobosco, e não desconfirmam ter êle utilizado a tradução portuguêsã inserta no *Guia Náutico de Munique*, se bem que em edição anterior àquela a que pertence o único exemplar conhecido.

Logo no Capítulo 1º do Livro I vemos todo um passo cuja fonte é indubitavelmente o *De Situ Orbis* de Pompônio Mela, mas que na parte final revela influência do texto de Sacrobosco:

“... e isto que ora brevemente é dito, sòmente toca aos círculos superiores; e em-adendo mais na matéria, afirmaram que a terra neste meio é posta como centro e de toda parte é cingida pelo mar, e ela mesma em duas partes, que hemispérios são chamados, desde ouriente dividida até ocidente, volvendo em ouriente, per cinco zonas é repartida; a zona do meio, que equinocial se chama, ou cinta do primeiro movimento, pelo grande ardor do sol é assaz d’afadigada...”.

#### A expressão,

“equinocial se chama, ou cinta do primeiro movimento”,

é muito provavelmente proveniente do *Tratado da Esfera* de Sacrobosco, na sua tradução em língua portuguêsã:

“Chama-se também à equinocial cinta do primeiro movimento, porque o parte pelo meio, distando igualmente dos pólos do mundo” (268).

Ainda neste mesmo Capítulo 1º do Livro I, lemos na obra de Duarte Pacheco:

“... e com todo seu tormento grandemente povorada, por cuja causa se crê que os etiópios são tão negros de color, por este círculo a eles ser propinco; e as últimas partes vezinhas aos polos, pela muita frialdade, dizem que a natureza desta região cria as gentes em subido grao d’alvura e fermosura:...”.

Trata-se de passo também muito provavelmente inspirado na seguinte expressão do *Tratado* de Sacrobosco, na sua tradução em língua portuguêsã:

(268) . — *Ibidem*, pág. 162.

“...os Etiópios não seriam tão negros se em região temperada estivessem” (269).

No Capítulo 2º dêste mesmo Livro I do *Esmeraldo*, lemos:

“... não era para duvidar a terra ser cercada pelas águas, e sòmente tirava ua pequena parte dela descoberta para a vida dos animais;...”.

Passo ainda muito provàvelmente inspirado na seguinte frase do *Tratado da Esfera*:

“... a seqidade da terra resiste à humidade da água para a vida de alguns animais” (270).

Ainda neste mesmo Capítulo 2º do Livro I do *Esmeraldo*, Pacheco escreveu:

“... assi que a água é posta na sétima parte da terra e as seis partes dela são descobertas pera a vida da natureza humana e dos outros animais;...”.

Uma vez mais lembramos o texto de Sacrobosco que acabamos de citar, e que algumas relações tem com o texto de Duarte Pacheco:

“... a seqidade da terra resiste à humidade da água para a vida de alguns animais” (271).

No Capítulo 8º do Livro I, da obra de Duarte Pacheco, aparece uma expressão que volta a surgir no Capítulo 10º dêste mesmo Livro I, expressão que encontramos com bastante freqüência no texto de Sacrobosco:

“... zéniqui de sua cabeça...”.

Vêmo-la no *Tratado da Esfera*:

“... zénite das nossas cabeças” (272).

“... zénite da nossa cabeça;...” (273).

“...zénite ... de suas cabeças;...” (274).

Finalmente, ainda neste mesmo Capítulo 8º do Livro I, da obra de Pacheco, lemos:

---

(269) . — *Ibidem*, pág. 178.

(270) . — *Ibidem*, pág. 155.

(271) . — *Ibidem*.

(272) . — *Ibidem*, pág. 166.

(273) . — *Ibidem*.

(274) . — *Ibidem*, págs. 178-179.

“... ourizom é onde nos parece que se o céu ajunta com o mar ou com a terra; e este se chama detremidor de nossa vista, porque dali pera além não podemos mais ver nada;...”

Passo da obra de Duarte Pacheco que corresponde no *Tratado da Esfera* à seguinte frase:

“... horizonte, que quer dizer terminador da nossa vista,...”  
(275).

Os passos que acabamos de citar, do *Esmeraldo* e do *Tratado da Esfera*, parecem-nos suficientemente demonstrativos de que Duarte Pacheco teve à mão um exemplar da obra de Sacrobosco, e que esse exemplar deve ter sido da versão portuguesa que vemos no *Guia Náutico de Munique*, embora em edição anterior à do exemplar conhecido.

\*

Sabemos que os autores mais mencionados e utilizados por Duarte Pacheco na sua obra são Pompônio Mela e Plínio. A influência de Pompônio Mela é visível numa trintena de passos do *Esmeraldo*. A influência de Plínio é visível em quase uma trintena de passos. E logo em seguida, embora em muito menor frequência, vem Sacrobosco, antes mesmo da Bíblia. Uma dúzia de passos da obra de Pacheco têm relação com o *Tratado da Esfera*, e apenas oito passos têm relação com o texto da Bíblia.

\*

Finalmente. Luís Mendonça de Albuquerque parece atribuir uma certa importância ao fato de

“A citação de Sacrobosco ocorre(r),..., uma única vez,...”  
(276),

falando-nos ainda

“... desta citação ocasional” (277),

“... a propósito de uma só afirmação do trabalho,...” (278).

Ora o fato de Duarte Pacheco ter citado uma única vez Sacrobosco e a sua obra, apesar de a ter utilizado uma dúzia de vezes, parece-nos susceptível de uma explicação.

(275). — *Ibidem*, pág. 166.

(276). — *Ibidem*, pág. 18.

(277). — *Ibidem*, pág. 19.

(278). — *Ibidem*, pág. 88.

Dissemos atrás que o autor e a obra mais utilizados por Duarte Pacheco, é Pompônio Mela e o seu *De Situ Orbis*, dos quais se pode ver uma nítida influência em trinta passos do *Esmeraldo*. Dissemos também que logo após Pompônio Mela e o *De Situ Orbis*, vem Plínio e a *História Natural*, com influência em pouco menos de uma trintena de passos, exatamente vinte e sete. Mas apesar de Plínio estar menos presente no *Esmeraldo* do que Pompônio Mela, a verdade é que o nome de Plínio e o título da sua obra aparecem muito mais vêzes citados do que Pompônio Mela e a sua obra. Mais, Duarte Pacheco não cita no *Esmeraldo* senão quatro vêzes a obra de Pompônio Mela especificando o *Livro* (279), e nem uma vez sequer o *Capítulo*, o que também faz nítido contraste com as indicações precisas e exatas dos *Livros* e *Capítulos* quando se trata de Plínio e da *História Natural*.

Qual a explicação para êste fato?

Podemos dizer que, tendo-se Pacheco servido da tradução espanhola, manuscrita, de Mestre João Faras, no caso do *De Situ Orbis* de Pompônio Mela, no texto manuscrito desta tradução não existe a separação em *Livros*, não sendo mesmo os capítulos numerados, e até só havendo títulos nos primeiros Capítulos do Livro I. Em contraposição, para o caso de Plínio, Pacheco serviu-se de um livro impresso, a tradução italiana de Christophoro Landino da *História Natural*, em que os *Livros* e *Capítulos* aparecem claramente divididos e numerados.

Ora a explicação para o caso de Pompônio Mela, poderá ser a explicação para o caso do *Tratado da Esfera* de Sacrobosco, embora pensemos que neste caso Pacheco se serviu de um exemplar impresso: *O Guia Náutico de Munique*. Mas apesar de impresso, o exemplar conhecido, do chamado *Regimento de Munique* (280), não dá de maneira muito clara a indicação dos Capítulos, pois o texto muito cerrado e sem espaços brancos não facilita uma distinção rápida e segura.

Perante estas dificuldades, poderemos pensar que, se Duarte Pacheco não se preocupou em citar explícita e exatamente Pompônio Mela que êle tanto utilizou, como ia êle preocupar-se em citar explicitamente e exatamente um autor e uma obra, Sacrobosco e o *Tratado da Esfera*, que êle utilizou muitíssimo menos?

---

(279). — Livro I, Prólogo; L. I, Cap. 14; L. IV, Cap. 1; L. IV, Cap. 1. Nunca indica o Capítulo: "quase no fim do seu terceiro livro *De Situ Orbis*"; "no seu primeiro livro da *Cosmografia*"; "no principio do seu segundo livro e assi no meio do terceiro *De Situ Orbis*".

(280). — Ver, *Regimento do Estrolábio e do Quadrante-Tractado da Spera do Mundo* (*Reproduction fac-similé du seul exemplaire connu appartenant à la Bibliothèque Royale de Munich*), Munich, 1914 (Edição fac-simila-